

Figueiredo no lançamento do livro de Sarney

6 ABR 1979

CORREIO BRAZIL

Com a presença do Presidente Figueiredo, dos ministros Eduardo Portela, da Educação, Petrônio Portella, da Justiça, e César Cals, das Minas e Energia, além do chefe do Gabinete Militar, General Venturini, e de parlamentares de ambos os partidos, o Presidente nacional da Arena, Senador José Sarney, lançou ontem, às 18 horas, no Salão Nobre do Senado, seu livro de poesias "Os Marimbondos de Fogo".

Acompanhado de seus ministros, Figueiredo foi o primeiro a receber o livro, autografado por Sarney. Sorrindo, Figueiredo disse apenas que o lia com atenção, pois gosta muito de poesia. Sarney, por sua vez, disse que a presença do Presidente, mais que uma atenção pessoal, era "uma demonstração de seu amor à literatura, que em sua família está muito bem representada pelo escritor Guilherme Figueiredo".

Quanto ao livro, Sarney disse tratar-se de "memórias poéticas da infância". Daí o título "Marimbondos de Fogo", que, segundo ele, é aquele que, assim como as recordações de criança, é o que marca mais. Falando de sua atividade literária, que poucos conhecem, Sarney fez questão de desvinculá-la de sua militância política. Citou, a propósito, uma frase de Stendhal, segundo a qual "política em literatura é como um tiro de revólver em um concerto sinfônico". Entre os parlamentares opositores que foram cumprimentar Sarney pelo lançamento do livro, estava o líder no Senado, Paulo Brossard.

"Marimbondos de Fogo" é a terceira investida de José Sarney no campo da literatura. Sua primeira publicação, o livro de poemas "A Canção Inicial", data de 1952. Em 1969, publicou a coletânea de contos "Norte das Águas". Em todos retrata aspectos da realidade do interior do Maranhão.

AMOR AS LETRAS

Figueiredo chegou com cinco minutos de antecedência, sendo recebido, ao desembarcar, pelo diretor-geral do Senado, Aiman Nogueira, enquanto o Senador José Sarney e o Presidente do Senado, Luis Vianna, o aguardavam no início da rampa.

Após os cumprimentos foram para o salão negro do Senado, e até à pequena mesa de acrílico, colocada para os autógrafos. O livro destinado ao Presidente já estava com a dedicatória, e o senador Sarney, atendendo sugestão feita por dois cinegrafistas, fez a leitura: "A Vossa Excelência, que pertence a uma grande família, que tem a literatura como religião, a estima de quem sabe do seu amor às letras e às artes, do seu grande humanismo".

Figueiredo agradeceu com um abraço em Sarney, e em seguida era indagado por um radialista, que observava ser a segunda vez que ia assistir a lançamento de livro no Congresso, se isso podia significar preferência pela literatura.

O Presidente respondeu que "livros é comigo mesmo". Permaneceu por três minutos conversando com Sarney e Luis Vianna, sorrindo de fatos pi-



Sarney quando lia a dedicatória a Figueiredo

torescos da fase imperial, que o senador maranhense lhe contava.

O assunto foi provocado quando Sarney lhe informou que o Presidente do Senado está pesquisando a vida de José de Alencar para publicar mais um trabalho biográfico.

A conversa só foi interrompida pelo chefe do Cerimonial do Palácio do Planalto, embaixador Jorge Ribeiro, que comunicou ao Presidente mais outro compromisso - não revelado pela sua assessoria.

Antes de despedir-se de Sarney e Luis Vianna, Figueiredo cumprimentou as pessoas que ia encontrando até chegar à rampa principal do Congresso. Ao encontrar-se com o ministro Eduardo Portela, da Educação, disse baixinho: "Já assinei seu pedido".

AO MAIS ILUSTRE

Pouco antes de indicar os autógrafos de seu livro de poesia, "Os Marimbondos de Fogo", José Sarney, solicitou ao seu secretário um exemplar para que desse autógrafa ao mais ilustre de todos os que compareceriam à solenidade: João Baptista de Oliveira Figueiredo.

Talvez por uma coincidência própria dos políticos, falando com segurança aos jornalistas sobre a definitiva decisão do Governo de conceder a anistia, o senador maranhense abriu o livro na página 33, onde está a homilia do Juízo Final.

"Tenho um encontro com Deus:

-José !

Onde estão as tuas mãos que eu enchi de estrelas?

-Estão aqui, neste balde de juçaras e sofrimentos".

Enquanto Sarney dava autógrafos a dezenas de amigos, políticos, correligionários e curiosos, com frequência, quando abria os volumes, defrontava-se com a primeira poesia do Maribondo de Fogo, que pode também traduzir as dificuldades e os anseios do mundo político sofrido dos anos difíceis que o País atravessou.

"As minhas águas que descem

No leito dos rios mortos
Trazem boiando memórias.
Visões de cinzas e sonhos
Onde nadei as braçadas
Do exílio dessas infâncias".